

*Dizer é tentar saber alguma coisa.*

Michel Foucault

O livro de Mário Eduardo Costa Pereira apresenta-se como uma obra de grande valor para o estudo da psicopatologia do pânico. Sua publicação neste momento tem, além do valor científico, um importante papel no campo da política da saúde mental.

Sem dúvida, a escolha do nome do livro já marca uma opção. A palavra *síndrome* desaparece do panorama. Isto será motivo de um interessante capítulo, onde é discutida a perspectiva operacional-pragmática que hoje em dia domina a psiquiatria mundial.

Mário Eduardo preocupa-se menos em descrever a forma dos chamados ataques de pânico e mergulha em cheio no estudo das causas que determinam este sofrimento insuportável, de angústia inexplicável, acompanhada de sintomas físicos e sensação de morte iminente. Pergunta-se, com razão, sobre as implicações, para o contexto psicopatológico de um determinado sujeito, da eliminação dos sintomas por via farmacológica. Esta interrogação só pode ter sentido se pensarmos que o autor parte do pressuposto de que a modificação dos conflitos só se obtém através da modificação do universo simbólico do indivíduo.

Mário Eduardo desenvolve uma interlocução crítica com procedimentos da psiquiatria contemporânea e se posiciona frente ao que ele próprio chama de "abuso evidente", utilização direta e não crítica dos conhecimentos obtidos por procedimentos empírico-pragmáticos na teorização das condições psicopatológicas.

Nosso autor embarca em uma minuciosa tarefa de construção e pesquisa em relação ao conceito de pânico, oferecendo-nos elementos sólidos que per-

## Pânico e desamparo

Resenha de Mário Eduardo Costa Pereira,  
*Pânico e Desamparo*, S. P., Escuta, 1999, 175 p.

mitem pensar na vida psíquica, a manifestação do estado angustioso como produto da relação do homem com o *desamparo*.

O trabalho do autor vai além da aventura intelectual que corre o risco de produzir um desencontro entre o saber de quem sabe e o saber de quem sofre. O texto tem um efeito de analisador que convoca e provoca, proporcionando uma leitura prazerosa. Como se espera de uma boa produção teórico-clínica, ela surge num magma de angústia e conflito. A escolha dos textos literários, incluídas no final de sua obra, nos põe em contato não só com a angústia dos autores (Clarice Lispector e Samuel Beckett), frente à incapacidade de traduzir através da linguagem os alicerces últimos do ser, mas também frente ao seu próprio desamparo.

Mário Eduardo supera com astúcia a armadilha que às vezes se nos apresenta entre uma produção acadêmica, profícua, excessivamente detalhista, por que não dizer às vezes tediosa, e uma produção teórica engajada na clínica pela qual transita quotidianamente. Isto faz com que o conhecimento chegue a nós cheio de vida.

Este livro é uma amostra da possibilidade de se fazer psicanálise na universidade, tema tão discutido, quando quem produz teoria o faz para dar conta da sua prática. Não é preciso fazer relatos clínicos para falar da clínica. As escolhas que se fazem para historiar o conceito, as discussões com a psiquiatria, a referência aos diversos autores têm a marca de um clínico em ação.

Nas considerações iniciais sobre o afeto, o autor mostra sua radicalidade e nos diz: "É primariamente em torno dos afetos que se constitui o que é da ordem do sofrimento (...) e é justamente o fato de ser afetado de modo penoso que faz nascer no sujeito um movimento rumo a uma 'terapia' (p. 23)."

Ele se mantém fiel ao método analítico, que nos propõe uma mesma ação para a clínica e para a elaboração teórica.

Em psicanálise não há hipótese última em relação à verdade do sujeito. A possibilidade de resignificação do vivido nos permite outorgar novos sentidos, fazer novas ligações, provocar novas traduções e reordenamentos, dando origem a uma nova história ou um novo conceito.

Este trabalho nos induz a colocar toda verdade que se apresenta em suspenso, sujeita a considerações, mantendo os conceitos em caráter de abertura e constante reengendramento. Com delicadeza de estilo e precisão de conceitos, entremeia teoria e prática. Com coragem, delineia os problemas epistemológicos que decorrem do saber psi-

quiátrico, propondo a psicanálise como teoria que permite ampliar as concepções empírico-pragmáticas da psiquiatria contemporânea.

Podemos detectar uma leitura de Freud claramente influenciada por autores franceses pós-freudianos, o que resulta absolutamente natural, dado que este livro é seu trabalho de tese realizado no Laboratório de Psicopatologia Fundamental da Universidade Paris VII, sob orientação de Pierre Fédida.

Toda leitura implica um compromisso. Ressalta-se e se valoriza do texto original aqueles elementos que dizem mais respeito àquilo que queremos demonstrar.

O compromisso com o estruturalismo é evidente. Mário Eduardo prioriza na leitura de Freud o desamparo fundamental dizendo, em relação à linguagem, que "entrar em pânico seria uma forma particular e desesperada de desamparo e de falta de garantias no que concerne à inscrição simbólica da sexualidade" (p. 31).

Destacaria, sem dúvida, o capítulo no qual o autor faz um passeio pelas formulações lacanianas, capítulo muito esclarecedor. Ali percorre diversos conceitos de Lacan, contribuindo não só para situar o conceito de desamparo, mas também para uma melhor compreensão da nascente da subjetividade.

Marcando, aqui sim, uma diferença essencial entre Lacan



e Freud, o autor nos diz “que a importância fundadora do nascimento enquanto 'protótipo', não se dá como em Freud – a partir da dimensão de uma excitação invasora – mas a partir da instituição de uma brecha impossível de ser apagada, a da perda de objeto” (p. 229). Recoloca assim que o problema do objeto em psicanálise é, antes de mais nada, o do objeto enquanto perdido. Essa brecha é irremediável e intratável, é uma contingência da linguagem, uma vez que esta não tem capacidade de dizer a última palavra sobre a verdade do ser.

Será a noção de desamparo (*Hilfflosigkeit*) uma fonte de referência essencial, apresentada em sua abordagem por diferentes autores pós-freudianos. Laplanche, Tustin, Winnicott, Klein, e Bion, merecem particular atenção e vale a pena percorrê-los.

Historiando esse conceito, Pereira nos diz que Freud evolui de uma formulação inicial, que concebe o desamparo sob a perspectiva do estado de impotência psicomotora do bebê, até reencontrá-la, em seus últimos trabalhos, na base do desespero do homem, quando confrontado à precariedade de sua existência. Como resultado disso, o homem se vê impulsionado à criação de deuses onipotentes, supostamente capazes de controlar, de modo todo-poderoso, as potências do universo. A impotência primitiva torna-se o protótipo de um desamparo mais radical. O autor utilizará, para explicar o desamparo radical em Freud, desamparo este dado nos limites da possibilidade do funcionamento psíquico, a seguinte frase de Lacan: “Que o homem, nesta relação consigo mesmo, que é sua própria

morte, (...) não pode esperar ajuda de ninguém” (p. 37).

Remeter a problemática do pânico à irremediável condição da falta de garantias nos afasta da possibilidade de rever a problemática do conflito e seu estatuto metapsicológico. Sabemos que, em Freud, o fundamento último do conflito recebeu soluções diferentes, seja no que se refere à sua dimensão tópica (como conflito entre sistemas e conflito entre instâncias), seja no nível dinâmico-econômico (como conflito entre pulsões). Como resultado desta opção do autor, perdem forças as noções de sexualidade infantil, conflito, recalque e defesa, elementos que, a meu ver, fazem falta nesta detalhada pesquisa.

Por momentos, corremos o risco de transformar a psicanálise numa filosofia das condições da existência, e os problemas adquirem uma tal amplitude e generalização que perdem o caráter de singularidade, próprio do pensamento psicanalítico. É aqui que questiono a estratégia estruturalista no terreno da psicanálise.

As estruturas são nada mais, nada menos, que leis que se estabelecem a respeito das relações entre os objetos ou entre seus elementos para evidenciar propriedades de uma certa ordem. Segundo Joël Dor (p. 24)<sup>1</sup>, esta concepção se coloca na linha de perspectiva heurística que procede por generalização englobante.

Inclino-me mais a pensar os fenômenos clínicos a partir dos conceitos de processo e história, valorizando não só a relação entre os significantes, mas também o que diz respeito ao significado. O descobrimento do inconsciente perde sentido se não for pensado em sua individualidade – e não como produto de leis gerais – subme-

tido à única forma que concerne a seu objeto: a experiência singular e irrepitível dos processos psíquicos na análise.

O amplo conhecimento filosófico, estético e literário do autor enriquece seu trabalho, e faz da sua escrita uma leitura altamente gratificante. Artaud, Beckett, Kierkegaard, Esquilo, Clarice Lispector, entre muitos, visitam o texto.

É interessante o percurso que Mário Eduardo faz pelos textos freudianos *O futuro de uma ilusão*, *Inibição, sintoma e angústia* e *Mal-estar na civilização*, trabalhos importantes na elaboração do problema do desamparo, nos quais Freud extrai conseqüências fundamentais para a psicopatologia, a cultura e a religião.

O fim do milênio está marcado pelo pânico; este se instala no momento de derrocada dos sistemas de ilusões, nos diz Freud. A falência do laço social, fenômeno crescente na atualidade, propicia o desencadeamento do pânico, já que mobiliza e evoca a desesperança e a falta de garantias da história individual. A morte das utopias e dos projetos coletivos impede o homem de confiar no homem, possibilitando que renasçam com força o pensamento mágico, as igrejas e as seitas que oferecem, como garantia, a palavra de Deus.

Numa passagem da obra, Mário Eduardo toma a noção de terror e o qualifica como o desamparo sem limites, que está em todo lugar em todo momento, e cuja marca fundamental é o não-senso. O terror, nos diz o autor, “implica paralisia, entrega de si mesmo ao mortífero. É do lado da vida que se tem pânico;

este seria a forma de tornar apreensível a experiência inominável do desamparo” (p. 38).

Farei referência ao pensamento de Marcelo Viñar<sup>2</sup>, já que me parece fundamental situar, tal como ele o faz, a diferença do “terror que se produz como produto do sexual traumático, que visa o íntimo e faz arrombamento através de um acontecimento que se reconhece como singular e único, remetendo à problemática da identificação e à constituição do sujeito”, e o terror que atingiu como marca dura as últimas gerações, “o terror político e da tortura, que age sobre uma subjetividade constituída, e coloca em jogo as raízes do laço social”. Viñar nos dirá: “Se existe racismo, não é a neurose do judeu ou do estrangeiro que é preciso tratar antes de tudo. É o laço social que está doente antes do sujeito (o que não nos impede de acolher seu desamparo pessoal)” (p. 104).

Quem sente terror nem sempre está do lado da morte; às vezes, o sujeito busca estratégias que lhe permitam sobreviver – a si mesmo e a seus ideais. As vezes é possível encontrar a coragem que possibilita a sobrevivência do corpo e do pensamento em situações de terror. Seja esta lembrança uma homenagem àqueles que, frente a uma situação traumática e desestruturante vinda do exterior, cuja origem não se relaciona necessariamente com o infantil nem o sexual, podem com suas palavras ser testemunhas de uma época de terror, para evitar que este se repita nas novas gerações. Estas problemáticas também concernem à psicanálise.

Todo esforço de Mário Eduardo vai no sentido de mostrar que o pânico constitui uma tentativa extrema de tornar o desamparo apreensível para o mundo psíquico. A palavra, que tem extremo valor como forma de capturar o inominável, oferecerá um caminho, mas sem-



pre deixará uma brecha.

Ele nos diz que o desamparo "encontra-se na base de tudo o que se pode pensar a respeito do pânico a partir da perspectiva psicanalítica" (p. 128). Pela primeira vez encontro no texto uma afirmação tão contundente. A palavra "tudo" põe em risco a precisão com que o autor introduz a idéia de que não há verdades últimas. Imagino que isto se deva ao caráter de amplitude com que o conceito de desamparo é tratado, remetendo a ele quase todas as situações de conflito. Esta situação permite um permanente deslizamento entre o conceito de desamparo e o de pânico.

Na tentativa de precisar, o autor aponta que o desamparo diz respeito à linguagem, ao passo que o pânico deve ser situado como esforço psicopatológico do pensamento" (p. 39). O pânico se constituiria como uma tentativa extrema do aparelho psíquico de tornar o desamparo acessível ao pensamento (p. 314).

Sem dúvida, ao se referir aos casos clínicos, Mário Eduardo situa a singularidade e a especificidade da condição de desamparo com a qual está operando. Isto permite que o amplo percurso que fez pelas modalidades do pânico e do desamparo funcione como uma cartografia que mapeia o universo teórico.

Ficará por conta da sensibilidade e da escuta apurada do analista compreender qual delas está em jogo em cada situação específica. Para dar uma idéia da riqueza da pesquisa realizada, indicarei algumas situações onde o conceito de desamparo e pânico aparecem na obra:

- desamparo e pânico frente ao estranho-familiar, produto da reaparição do recalcado e esquecido no campo da consciência, que é inquietante e es-

tranho (p. 80);

- desamparo e pânico pela falta de garantias dos laços libidinais com o líder (p. 71; 89);

- desamparo e pânico frente à visão dos genitais femininos castrados, tal como Freud descreve na "Organização Genital Infantil", provocando o horror que remete à problemática edipiana em sua dimensão estruturante. A mãe não é mais garantia de nada; afinal de contas, não é tão infável nem onipotente como se imaginava, e o sujeito descobre-se sem garantias (p. 82; 83);

- desamparo e pânico pela possível perda do pai como garantia da "totalidade" grupal, como aparece em *Moisés e o mono-teísmo* e em *Totem e Tabu*;

- desamparo e pânico frente ao lugar que a criança ocupa no desejo materno, lugar do qual, segundo Lacan, só será liberada pela referência paterna (p. 83);

- desamparo e pânico, segundo Dupuy, onde o pânico vai estar relacionado com a dimensão essencial do Todo, e com as condições de totalização: estar em pânico e fazer "um" com o grande Todo seriam uma só e a mesma estrutura (p. 71);

- desamparo e pânico frente ao ataque pulsional (Laplanche), que impede a organização em um plano representacional (p. 86);

- desamparo e pânico do sujeito frente a seu próprio desejo (Lacan), pela constatação insuportável da falta fundamental de garantias no que diz respeito ao mundo simbolicamente organizado, constatação para a qual ele não estava preparado (p. 92);

- desamparo e pânico frente à

falta de amor materno, como Freud situa em *Inibição, Sintoma e Angústia*. A dúvida frente ao amor do ser superior que nos protege de todas as ameaças faz aparecer o perigo de ser abandonado à própria sorte, ante um desamparo sem esperanças.

- desamparo e pânico frente ao risco terrificante do desabamento do eu, provocado por quaisquer abalos da garantia de reconhecimento simbólico primordial, desse ser que se inscreve no "ser para o outro", o discurso do outro (Lacan) (p. 230).

Em suma, o pânico – nos dirá Mário Eduardo – apesar de sua aparência mortífera, se situa como um esforço da vida pela vida.

Interessa especialmente, no manejo da clínica, o trabalho que o analista propicia para que conteúdos alienados ou desligados possam ser reinscritos na continuidade da história e da existência do paciente, através de suas próprias palavras, sustentadas pela transferência. Nosso autor se interroga, não sem angústia, sobre o valor da palavra na elaboração subjetiva.

Conclui que o tratamento pela palavra, com estes pacientes que sofrem de pânico, fundamenta-se em três dimensões principais:

1. encontro do sujeito com um gozo até então desconhecido e irreduzível a uma tradução completa pela palavra;
2. produção, na transferência, das determinações históricas e simbólicas desse sintoma através de uma enunciação que possa ser reconhecida pelo sujeito como portadora de uma verdade pessoal;
3. reengendramento de uma narrativa aberta que inscreva o sujeito, seu desejo e seu sintoma

em um contexto significativo, transformável, que permita um trabalho constante de auto-significação, sem cristalizar-se em nenhuma de suas formulações parciais. Estas devem manter o caráter de construções provisórias.

Encontramo-nos, como podemos ver, depois de um longo percurso, com as considerações que fizemos no começo desta resenha sobre a necessidade de manter tanto nossas hipóteses teóricas quanto nossas explicações clínicas e as teorias sobre nós mesmos como construções provisórias, passíveis de serem reformuladas, para evitar a coagulação que obtura a possibilidade de saber sobre o movimento desejante.

Com grande senso clínico, o autor nos alerta sobre a necessidade de não responder à demanda do paciente, no sentido de reassegurá-lo frente a seu desespero, e nos diz que o sucesso do tratamento repousará em manter a situação analítica nesse ténue espaço entre acolhimento e falta, que contenha o desespero, mas que não impeça a linguagem.

Compromisso ético e estético marca esta produção.

## NOTAS

1. Joël Dor, *Introdução a Lacan, o inconsciente estruturado como linguagem*, Artes Médicas, Porto Alegre, 1989.
2. Maren e Marcelo Viñar, *Exílio y Tortura*, Escuta, São Paulo, 1992.

Ana Maria Sigal é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.